

*Sou negra e linda
Ô "big" loiras de Salvador
Como a madeira de Ébano
Eu sou da Núbia, filha de Iémánjá.
Não reparem porque sou morena:
Foi o sol que me queimou.
Os filhos da Mãe-Terra
Se rebelaram contra mim
Me escravizaram e me obrigaram
A guardar os cafezais, e meu cafezal, o meu
Eu não o pude guardar.*

Sou feliz de poder trazer a minha contribuição a este boletim de construção da nossa identidade. As motivações são muitas. A mais importante é essa: como africano e missionário quero me sentir *solidário* com o meu povo, seja os remanescentes na Terra-Mãe, seja os exilados da diáspora das Américas. Escolhi o trecho do livro dos Cantares por causa das intuições teológicas que contém. Ademais, este livro se relaciona mais com as realidades culturais, sociais e históricas da comunidade afro na América Latina e, de maneira particular, no Brasil. O Ct 1.5-6 tem muito a ensinar às comunidades negras.

1) Gênero literário

Os Cantares fazem parte dos livros chamados sapienciais. É uma obra montada numa linguagem poética. Sabemos que o Cântico dos Cânticos é a voz das mulheres que querem resgatar as realidades importantes (não temas) do corpo, da sexualidade, do amor e da liberdade ao fazer e viver a teologia no ambiente predominantemente patriarcal.

2) Contexto histórico

A mesma coisa, pode se dizer do *contexto histórico* deste poema. A Sulamita, é uma moça camponesa. Como todo camponês de então, vive a exploração de todo parte. Tem

que trabalhar duro para pagar os tributos ao governo persa (450/400 a.C.). Em casa, vive o peso do patriarcalismo. É forçada a guardar a vinha à custo de não cuidar dela (1.6). Os seus irmãos pretendem casá-la cedo, sem esperar a maturidade para aproveitar do lucro (8.8-9). Por ser diferente física e socialmente, vive o preconceito da parte das filhas de Jerusalém (1.5). Todo este sistema é justificado pela teologia sacerdotal-retributiva. O Templo é o instrumento de controle do corpo da mulher (Sir 25.26). A lei do Rei é a lei de Deus (Esd 7.25-26). A lei da raça pura, de puro e impuro é a referência de exploração das mulheres judias e da expulsão das estrangeiras e suas crianças (Esd 9.10).

3) O Ct 1.5-6 e a realidade afro-brasileira hoje

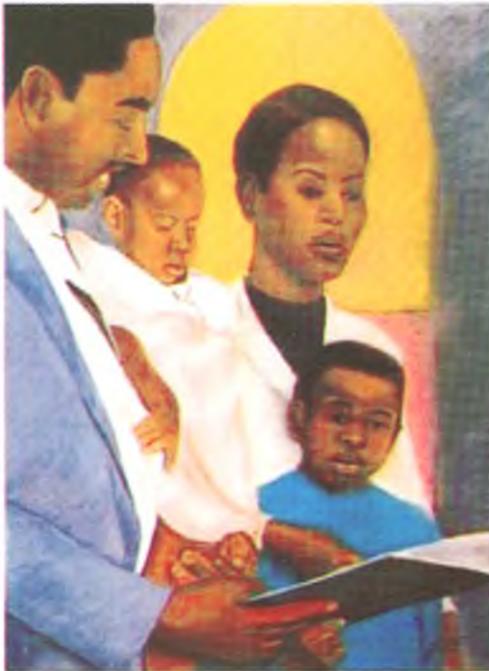
A pergunta hermenêutica é: como a comunidade afro pode se apropriar desse poema? Muitos são os caminhos de apropriação. Para nós, portanto, o critério básico é o resgate da **identidade negra**. Os critérios mais fundantes nos parecem a identidade cultural e a identidade sócio-cultural. A nossa reflexão se inspira no nosso poema. Esta é uma leitura de Ct 1.5-6 na perspectiva da teologia afro-americana (o paradigma de gênero).

Identidade cultural - Como gênero literário, os Cânticos são um convite à teologia afro-brasileira a valorizar a sua linguagem poética, sobretudo, na perspectiva da mulher negra. As culturas africanas e afros até hoje permanecem culturas marcadas pela oralidade. Aqui o corpo, a dança, o ritmo, o atabaque têm grande relevância. Dentro disso o papel da mulher negra é decisivo. Mas muitas vezes passa escondido. É preciso que as comunidades afro-americanas façam promover as produções culturais das

mulheres negras, começando da roça até as grandes cidades.

Identidade sócio-histórica - Pensar a teologia afro na perspectiva da mulher negra, não é só questão do sexo ou da raça. É questão de sensibilidade existencial. Sabemos muito bem que, desde a sua gênese, a teologia afro-americana é uma Teologia que se elabora a partir das realidades sociais, históricas, culturais e políticas em que vivem as comunidades negras. Nesta ótica, o Cântico dos Cânticos afro é a re-leitura da fonte original (1.5-6), aplicada à realidade afro-brasileira. Ele aponta para três caminhos no resgate da identidade negra.

a) Memória histórica: “Sou negra e sou da Núbia”. Aqui pegamos o caminho da história das origens. A história das comunidades afro a partir da Terra Mãe. A arqueologia moderna afirma que o vestígio arqueológico mais antigo é da África. Assim, a África até hoje é considerada o berço da



Culto - 2Sm 22.50 – Evita

humanidade. Para o historiador e arqueólogo senegalês, Cheik Anta Diop, a Núbia seria o lugar arqueológico da raça negra e da humanidade, antes da travessia do Delta de Gibraltar (Europa) ou da migração do povo negro para o sul antes da desertificação da Sahara (1500 a.C.) e da invasão árabe (norte) no século V da nossa era. O mesmo afirma que muitos faraós foram negros (1200 a.C). Fala também da anterioridade da filosofia e da ciência no Egito dos negros. Já o seu discípulo T. Obenga, assinala a afinidade cultural bantu com a do antigo Egito dos negros. A mesma coisa pode se dizer da influência do antigo Egito sobre o credo judeo-cristão. No mito egípcio, Rá cria o mundo a partir da palavra. Isso nos lembra Gn 1.12.4a. A palavra tem a mesma função na cultura africana que o *dabar* na cultura judaica. A sabedoria judaica recebeu uma forte influência da cultura egípcia (Pr 22.17-24.22: influência da sabedoria de Amenemnopê). O que queremos afirmar é que essa cultura egípcia tem muito a ver com a cultura negra bantu. A recuperação da memória histórica é importante na construção da identidade do um povo. No caso do povo negro, isto se torna urgente, uma vez que a sua história lhe foi sempre distorcida, escondida e negada ontem e hoje. Nas Américas, o povo negro tem direito a conhecer sua história de escravidão e libertação (seus heróis como Zumbi) para fazê-la motivo da sua luta de libertação.

b) Memória social: “Sou negra e linda”. “Sou negra e linda, ó ‘big’ loiras de Salvador” esse deve ser também o verso de auto-estima de cada negro e cada negra numa sociedade onde a integração econômica caminha lado a lado com o preconceito racial. A aceitação da condição existencial de ser *negr@*, isto é, “diferente” fisicamente é motivo de luta para a conquista de poder no mercado do trabalho e na política. A luta pela identidade negra é, também, uma luta política. O verso de reivindicação é esse: “Não reparem porque

sou morena". Alias, no jeito propriamente da negritude se diria: "não reparem porque sou pobre", mas vamos refletir a fundo e agir juntos. Denuncio que são "os filhos da Mãe-Terra, que se rebelaram contra mim, me escravizaram e me obrigaram a guardar os cafezais, e o meu cafezal, o meu, eu não o pude guardar". A análise da política internacional revela que a situação de pobreza dos africanos e afro-descendentes têm muito a ver com a dominação ocidental: a escravidão. Hoje, a escravidão se traduz em temas de discriminação e exclusão

social. É um racismo disfarçado e injustificável. A dívida que os europeus e os seus descendentes têm para com as comunidades negras é "uma dívida de sangue". @ negr@ nunca foi irresponsável na construção da sua história e da história planetária. O seu direito de trabalho sempre lhe foi negado; hoje este direito lhe é negado corrosivamente. Hoje é tempo das comunidades negras cuidarem das suas "vinhas": sua história que é a história de todos excluídos do planeta.

Hermenêutica Bíblica Negra (2ª parte)

Günther Padilha

1) Elementos da hermenêutica bíblica negra

Quando se faz referência à hermenêutica bíblica negra não se tem um método único e muito menos acabado, pois se trata de um processo onde a realidade negra vai iluminando a Bíblia e vice-versa, ou seja, se relativiza a Bíblia e a cultura. Assim, se mencionarão alguns elementos que podem ser considerados em uma leitura bíblica que respeite a pessoa negra em seu todo e não considere a Bíblia como única palavra de Deus.

Axé - Para fazer uma hermenêutica negra é necessário considerar a palavra axé, que significa princípio de vida ou energia vital. Tudo o que é criação divina possui axé, tem vida: os seres humanos, os animais, os vegetais e os minerais. Portanto, a tradição afro considera a criação como uma totalidade que possui vida, a qual provém de Deus pai-mãe. Neste sentido, a Bíblia para a gente negra deve ser um instrumento que proteja, mantenha e promova a vida, sendo assim, a vida é critério central para a interpretação dos textos bíblicos.

Vida comunitária - A Bíblia que tem como centro a vida. Ela é lida em conjunto na comunidade de forma atenta e capaz de perceber, ver, a presença de Deus na história do povo negro. Esta percepção da realidade

do povo negro exige aproximação, presença e estar vivendo comunitariamente com ele. Na vida comunitária é preciso exercitar o ouvido, escutar as experiências vividas nas comunidades, é passo difícil que se deve dar na elaboração de uma hermenêutica bíblica que respeite a história divina vivida com a gente negra. Como o pressuposto para a hermenêutica bíblica negra é a relativização do texto bíblico, é necessário conhecer a história do povo negro, seus mitos, costumes, e ver como isto contribui para dar esperança e força na sua luta por libertação.

Vida engajada na ação política - Para uma hermenêutica bíblica negra é relevante a percepção holística da realidade do povo negro, mas não se pode somente ficar nisso, é necessário dar um passo a mais e encarnar suas realidades. Isto significa que se deve reconhecer que Deus na encarnação em Jesus Cristo é um libertador dos oprimidos da opressão social. Nisto, consiste o colocar-se de Deus ao lado das pessoas oprimidas em suas lutas políticas. Portanto, o evangelho de Jesus Cristo é anúncio de liberdade e luta por libertação. Quando se possui esta convicção a hermenêutica bíblica negra exige um posicionamento político, pois assumir a leitura da Bíblia a partir desta perspectiva não pressupõe somente uma